

Suicídio à Luz do Caso de Ellen West: uma compreensão a partir da *Daseinsanalyse* psiquiátrica

Suicide in the case of Ellen West: an understanding from the *Daseinsanalyse* psychiatric

Karina Okajima Fukumitsu¹

Cyntia Helena Ravena Pinheiro²

Joana Ingrid Solomon³

Resumo: Compreender o suicídio a partir de um olhar da *Daseinsanalyse* psiquiátrica implica em não aprisionar o suicídio em apenas uma definição. O objetivo do presente artigo é o de apresentar a compreensão do suicídio segundo o aporte da *Daseinsanalyse* Psiquiátrica, utilizando o caso de Ellen West como recurso para tal compreensão. Nessa perspectiva, a compreensão do suicídio não deve ser refém de um *a priori*. É primordial no manejo com o comportamento suicida que o profissional se disponibilize como outro na relação que se apresenta com interesse e respeito a fim de que a pessoa com comportamento suicida possa se sentir suficientemente acompanhada para ressignificar a falta de prazer na vida e no viver.

Palavras-chave: suicídio, prevenção do suicídio, suicidologia.

Abstract: Understand the suicide from a look of psychiatric *Daseinsanalyse* means not to imprison a phenomenon in only one setting. The objective of this article is to provide a way to understand the suicide according to the inflow of Psychiatric *Daseinsanalyse*, using the case of Ellen West as a resource for such understanding. The suicide cannot be taken as a hostage to an *a priori*, in which the management of the suicidal behavior by the professional available as another of the relationship acting with interest and respect so that the person with suicidal behavior can feel sufficiently accompanied to remaking the lack of pleasure in life and living.

Keywords: suicide, suicide prevention, suicidology.

1 Psicóloga e Psicoterapeuta. Bolsista PNP/CAPES e Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade São Paulo (USP). karinafukumitsu@gmail.com

2 Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e aluna da especialização em “Orientação Profissional e Carreira” do Instituto Sedes Sapientiae. Formada em Química (Bacharelado e Licenciatura), pelas Faculdades Oswaldo Cruz, com mestrado e doutorado em geoquímica ambiental pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo.

3 Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Médica Veterinária (CRMV - 04 0692).

Suicídio à Luz do Caso de Ellen West: uma compreensão a partir da *Daseinsanalyse* psiquiátrica

Suicide in the case of Ellen West: an understanding from the *Daseinsanalyse* psychiatric

Karina Okajima Fukumitsu
Cyntia Helena Ravena Pinheiro
Joana Ingrid Solomon

Introdução

A proposta da *Daseinsanalyse* psiquiátrica acredita que toda e qualquer definição *a priori* limita a riqueza da compreensão do suicídio e por esse motivo, convida a sair de uma atitude natural e direciona para a atitude fenomenológica que valoriza tanto a singularidade quanto a descrição das vivências.

Em reflexão sobre a influência cartesiana de Descartes, Cavalieri (2009, p.181) aponta que, “A partir da filosofia cartesiana o suicídio será sempre concebido como um ato isolado, cujo único responsável é o indivíduo”. Portanto, o que se pretende destacar é que, ao se criticar a proposta cartesiana, apresenta-se a consideração do mundo sensível e conseqüentemente, ressalta-se a importância do ser humano como aquele capaz de acolher o desamparo existencial.

O objetivo do presente artigo é o de apresentar a compreensão do suicídio segundo o aporte da *Daseinsanalyse* Psiquiátrica, utilizando o caso de Ellen West como recurso para tal compreensão. Procurou-se verificar as aproximações e divergências entre as propostas de Husserl e Heidegger, entendendo a influência de ambos sobre a clínica fenomenológica de Jaspers e de Binswanger

As filosofias de Husserl e de Heidegger representam contribuições fundamentais, sem as quais não se teria chegado à situação proposta da *Daseinsanalyse* psiquiátrica. Os psicoterapeutas, psicólogos clínicos ou psiquiatras, deverão transcender a prática clínica em termos da intersubjetividade, que continua a ser pensada em termos dualistas de subjetividade x objetividade (interno x externo; corpo x mente; somático x emocional; consciente x inconsciente).

É a partir de Husserl que se inaugura uma perspectiva fenomenológica, como uma ciência *a priori* e universal, que se ocupa exclusivamente das estruturas essenciais. Moreira (2010) acrescenta que, embora não se possam esquecer outros grandes nomes da fenomenologia – como Scheler, Jaspers, Stein, Sartre, Beauvoir, Patocha e outros - é importante ressaltar que a fenomenologia existencial pode ser utilizada com mais sucesso na clínica, seja na psiquiatria, seja na psicologia. Refere-se mais especificamente à relação entre homem e mundo, através de dois grandes momentos, com Heidegger e Merleau-Ponty, apesar de se entender Husserl como o iniciador de todo esse movimento fenomenológico. Ainda para a autora supracitada, o psicoterapeuta traz à transparência aquilo que se mostrava e ao mesmo tempo se escondia, ou seja, faz aparecer aquilo que tinha possibilidade de ser, ajuda o outro a se desembaraçar dos laços da ilusão, a não se deixar perder no impessoal.

Com tantos possíveis “enganos” quando da utilização do pensamento de Heidegger na psiquiatria, o lembrete de Mattar e Sá (2008) a respeito da diferenciação entre análise e analítica é importante no sentido de se pensar as tantas vertentes psiquiátricas e psicológicas na contemporaneidade que se intitulam como clínicas fenomenológicas. Heidegger considerava complicado unir a *Daseinsanalyse* heideggeriana com o método psicanalítico, visto que ele entendia que em seu método não se retrocede, como fazia Freud, os sintomas aos elementos, mas à sua relação com o ser de modo geral. Binswanger realizou esta junção de uma forma magistral, apesar de ter distorcido o pensamento de Heidegger e criado outra vertente (Moreira, 2010).

Husserl propõe a investigação do conhecimento, a ciência eidética de rigor. Definiu a fenomenologia como um método descritivo que, segundo ele, aplicava-se à relação entre consciência e experiência, sendo que o conhecimento decorre desse movimento da

consciência para a experiência. Considerava que o método fenomenológico era a arte da reflexão, pois a reflexão tem o papel de clarificar a experiência para a consciência e a consciência para ela mesma, por meio das reduções. A consciência só vem a se conhecer se conseguir desvendar a estrutura transcendental, ou seja, ir além do objeto percebido, pois toda consciência é consciência de algo. Para a fenomenologia, sujeito e objeto estão interligados, formam uma estrutura Ego-mundo. Dessa maneira, Husserl buscou através da redução chegar à base do sujeito cognoscente.

Heidegger aponta para uma mudança de foco, pois tece considerações acerca do *Dasein* (Ser-aí), fenômeno de unidade, não excluindo a multiplicidade de momentos estruturais que a compõem. A compreensão do existir humano depende da temporalidade enquanto historicidade e finitude. Além disso, recuperou a relação do ser humano consigo e com o mundo, pois para Heidegger sujeito e mundo são inseparáveis.

O grande distanciamento entre Husserl e Heidegger ocorre em torno das reduções e das suspensões. Para Heidegger as reduções sucessivas de Husserl convergem para um idealismo que separa o sujeito do mundo, que para ele são inseparáveis no tempo, no espaço e nas relações interpessoais. Heidegger substitui as reduções de Husserl pela hermenêutica (interpretação), como método para a compreensão do humano em situação.

Heidegger descreve em *Ser e Tempo*, a vida cotidiana do homem, considerada inautêntica, através de uma análise fenomenológica da existência. Segundo Gomes & Castro (2010, p.86), Heidegger considera três movimentos na vida cotidiana do homem, considerada inautêntica: a facticidade, a existencialidade e a ruína. A facticidade “abriga em si o ser-no-mundo de um ente *intramundano*” (Heidegger, 2011, p.102), ou seja, seu destino está ligado ao dos outros homens e com as coisas, com os quais convive neste mundo. A existencialidade é a relação crítica com o mundo, a superação dos limites. Essa relação pode assumir duas vertentes: a primeira implica em tirar dos outros os seus problemas, não se preocupando tanto com o outro, simplesmente “estar junto”, coexistência inautêntica, entendo como a segunda, a sua forma autêntica, quando se abre aos outros a possibilidade de encontrarem a si mesmos e realizarem seu próprio ser, verdadeira coexistência. Por último, segundo Gomes & Castro (2010, p.86), a ruína é o afastamento de si em favor das preocupações cotidianas.

Outra divergência é a mudança de foco fenomenológico da relação entre consciência e experiência, para a relação do ser humano com ele mesmo, o Ser-aí. Para Husserl a experiência constitui a consciência, pois, como citado anteriormente, a consciência é sempre consciência de algo. Para ele, a consciência não é uma substância (alma), mas uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, volição, paixão etc.) com os quais se visa a algo. Para Heidegger a experiência é acrescida do Ser-aí. O que para Husserl seriam as vivências e os atos intencionais, para ele são as atitudes do *Dasein*. Heidegger tenta mostrar no fenômeno uma espécie de encontro e fenomenal acaba sendo tudo o que se faz visível nesse encontro.

Para Husserl, não interessa o fato de existir, mas o sentido da existência, sua essência (*eidos*). Ao contrário, Heidegger valoriza a condição de existir a priori, a existência é o “ser-aí”, o ontológico (horizonte infinito de possibilidades) e o modo de ser do homem com as coisas e com os outros. Para ele, a existência é no plano do impessoal, o tempo todo cuidando das coisas e dos outros. “Todo mundo é o outro e ninguém é si mesmo” (Heidegger, 2011, p.185). Diferentemente de Husserl, Heidegger não concebe o sentido psicológico ou metafísico da palavra consciência como atitude de reflexão sobre si mesmo ou a respeito da sua interioridade espiritual (Abbagnano, 1993). Para Husserl, a subjetividade é uma experiência consciente, depuração da racionalidade na busca do conhecimento. O mundo se refere à consciência e esta é o resultado da reflexão, enquanto que para Heidegger ela é intuitiva e a existência é entendida como “relação com o outro”. O homem seria, para Heidegger, essencialmente um ser na existência, um “ser-no-mundo” (*Dasein*).

Heidegger (2011) criticava Husserl por ser intelectualista, para quem a fenomenologia

deveria ser um método, fugir às interpretações ou teorizações. Foi para criticar e refletir sobre essas teorizações que Husserl propôs a suspensão fenomenológica (*epoché*), colocando entre parênteses a existência efetiva do mundo exterior para que a investigação se ocupe apenas das operações realizadas pela consciência, sem questionar se as coisas existem ou não. Através da redução, Husserl pretende “suspender” a tese do mundo natural. Heidegger rejeitou a busca das essências pelo método fenomenológico e abandonou os termos centrais da fenomenologia de Husserl, consciência e intencionalidade, pois considerava que se distanciavam da historicidade essencial da natureza humana (Moreira, 2010, p.7267). Seu conceito de *Dasein* supera o conceito de consciência de Husserl e inaugura a perspectiva fenomenológico-existencial, base para o desenvolvimento das vertentes contemporâneas da psicologia, psiquiatria, psicopatologia e psicoterapia.

Husserl separa o conceito de transcendência do ente em dois: o ser e o objeto existente e exterior, o transcendente. O transcendental, por outro lado, é o objeto percebido, interior, uma interpretação individual. Para Heidegger, o transcendente e o transcendental não se diferem entre si, ou seja, ambos representam o ser-no-mundo (Macedo, 2010).

Ludwig Binswanger (1881-1966) apresentou, em texto escrito em 1958, a análise experimental como um método de pesquisa fenomenológico psiquiátrico. Portanto, é essa a origem da vertente psicoterápica, com várias denominações como fenomenológico-existencial, psicoterapia existencial ou mesmo psicoterapia humanístico-existencial. O método fenomenológico ganha importância frente às limitações das outras psicoterapias em aliviar o sofrimento dos pacientes (Moreira, 2010)

Binswanger iniciou o movimento da *Daseisanalyse* psiquiátrica no campo da psicopatologia. Utilizou o método fenomenológico para apreender as condições particulares de existência de um indivíduo singular pelo qual seu método valorizava a relação intersubjetiva entre o médico e o paciente. A análise existencial abriu à psiquiatria um olhar sobre a totalidade do homem, com a intenção de reconciliar o homem consigo e com o mundo e, ao falhar nesse processo de compreender o homem enquanto ser de totalidade, que segundo Heidegger (2011), levaria o sujeito a uma existência inautêntica.

Desenvolvimento

O Caso Ellen West

O caso de Ellen West é um estudo da fenomenologia clínica a respeito da existência inautêntica analisada por Ludwig Binswanger à luz da psicopatologia. Sua família era judia, seu pai foi descrito como alguém muito controlador e rígido, sua mãe como alguém dócil e amável e entre seus dois irmãos o mais velho era visto como alegre e tranquilo; já o mais novo enfrentou um conturbado período da adolescência, tendo sido internado aos 17 anos em uma instituição psiquiátrica por um transtorno mental e ideias suicidas.

Faz-se importante, para contextualizar melhor o caso, destacar que dois de seus cinco tios paternos cometeram suicídio, dois faleceram de arteriosclerose demencial e um seguia doutrina rígida de privação. Ellen desde muito nova comia pouco e aos nove meses de idade recusava-se a tomar leite e em razão disto foi alimentada com caldo de carne. Se forçada a se alimentar apresentava forte resistência – o que posteriormente ela chamaria de “renúncia” (Moreira; Cruz; Vasconcelos, 2005).

Era uma garota muito competitiva em qualquer atividade a qual se dedicasse (nos estudos, no trabalho ou na equitação). Seu lema na adolescência era “tudo ou nada”, mostrando certo grau de extremismo que está presente em todas as épocas de sua vida. O trabalho passa a ter um papel de grande importância para ela, considerando-o como garantia de felicidade e solidez, embora em determinadas épocas em que tinha crises melancólicas considerava-se incapaz e inútil.

No início da sua vida adulta passou a se alimentar exageradamente e ganhou muito peso, tornando-se alvo de brincadeiras entre seus amigos. Odiava-se por se sentir obesa

e via na morte a única solução para este problema. Fez dietas rigorosas e perdeu peso rapidamente. Apresentou uma melhora breve em seus sintomas, mas o conflito entre “o desejo de poder comer tranquilamente” e o medo de engordar continuou a torturá-la. Aos 24 anos, teve uma melhora considerável: começou a viajar em excursões com as amigas, e ficou “entusiasmada com sua vida de estudante” (Moreira et al., 2005, p.389). Continuou fazendo dietas, mas sob o controle médico.

Em uma viagem conheceu e começou a namorar um estudante, tendo sido forçada pelos pais a terminar o relacionamento, surgindo daí um novo quadro depressivo, no qual voltou a comer exageradamente – conseqüentemente a engordar – e passou semanas na cama. Quando voltou para casa, apresentou considerável aumento de peso. Começou a tomar laxantes e a fazer rígidas dietas e exercícios físicos. O trabalho envolvendo questões sociais a ajudou temporariamente a sair do estado melancólico. Mas, um “sentimento de terror” (Moreira et al., 2005, p. 389) persistiu em seu íntimo.

Aos 28 anos casou-se com o primo na esperança que a união a auxiliasse no pensamento fixo com seu peso. Sofreu um aborto e o médico que a atendeu atribuiu, incorretamente, o fato à má alimentação. A preocupação de Ellen foi direcionada para ter um filho e, ao mesmo tempo, não engordar. Um segundo médico afirmou que sua esterilidade não tinha ligação com a sua alimentação e o que se seguiu a isto foi o uso de grandes doses de laxante e vômitos que a fizeram perder peso gradativamente. Intercalado com esses acontecimentos Ellen muitas vezes voltava a comer bastante, em seguida, sentia-se culpada e punia-se severamente.

Com 35 anos consumia entre 60 e 70 comprimidos de laxante diariamente, vomitava a noite toda e tinha diarreia continuamente. Seu peso nesse momento era de 41 quilos, o que comprometia sua saúde, sentindo tonturas e apresentando problemas cardíacos. Foi então que buscou auxílio psiquiátrico. Depois de algumas tentativas de suicídio, Ellen foi internada no sanatório de Kreuzlingen, onde foi atendida por médicos supervisionados por Binswanger. Em Kreuzlingen, com a ajuda de medicamentos e dietas, se recuperou fisicamente. Ao perceber seu ganho de peso no sanatório, sentia-se obesa, fez novas tentativas de suicídio e foi submetida à vigilância permanente e ainda assim, burlando essa vigilância, continuou tomando laxantes às escondidas. Sentindo-se triste e não aderindo ao tratamento satisfatoriamente ela voltou para casa. Três dias após o retorno à sua casa voltou a comer muito (como há 13 anos não comia) e se dizia “satisfeita”. Fez um passeio animado com o marido, conversaram sobre filosofia, literatura e poesia. Seu humor estava radiante e sua doença parecia ter passado. Escreveu cartas para uma amiga do sanatório. Durante a noite tomou veneno e pela manhã já estava morta, aparentando, como nunca havia estado na vida, tranquila e feliz.

A rejeição do leite aos 9 meses de idade foi o primeiro comportamento de ruptura com o mundo e de resistência àqueles que tentavam se opor à sua idiossincrasia. A construção de seu *Eigenwelt*, denominado como seu mundo pessoal, incluindo seu corpo, era oposta ao seu *Mitwelt*, que seria seu mundo social em relação à família. Por isso, Ellen se sentia vazia. Seus pais sempre se referiam a ela como provocativa, teimosa, ambiciosa e violenta. Seus atos eram respostas a eles e rompiam os laços de confiança com o *Mitwelt*, prejudicando suas possibilidades existenciais e, possivelmente, levando à sua conduta de “tudo ou nada”. (Binswanger, 1977, p. 322 apud Moreira et.al., 2005).

Ellen se tornou um eu inautêntico e escravo, pois não se abriu ao mundo e foi dominada pelos outros, fazendo com que sua existência perdesse a autonomia. Quando começou a ler as obras de Niels Lyhne, passou a compreender o mundo como opressivo, sendo influenciada pela ideia de que o sujeito precisava de força e independência para viver plenamente e transformar o mundo. Nessa época vivenciou uma dificuldade ainda maior com seu *Mitwelt*, fortalecendo seu individualismo. Foi quando Ellen começou a escrever poesias e nelas usava conceitos parecidos com os do autor: seu movimento existencial seria “andar na terra” (atuação prática), “voar pelos ares” (ideias, desejos) e “rastejar embaixo da terra”

(opressão). Mas, cada vez mais sua existência se restringia ao “rastejar embaixo da terra”. Ela escrevia sobre o contraste entre “voar pelos ares”, como uma sensação de liberdade, e o “rastejar embaixo da terra” como forma de aprisionamento. Tentava ter os “pés no chão”, mas não conseguia, e se abatia com seus fracassos cada vez mais, em vez de aprender com eles.

“O corpo representava para Ellen a identidade de sua condição no mundo, uma tensão extrema relativa ao seu peso” (Moreira et al., 2005, p.392). Era sua única maneira de se expressar, principalmente com seus pais. Quando terminou seu relacionamento com o estudante, por exigência de seus pais, mais uma vez a imposição do *Mitwelt*, a fez vivenciar outra frustração, ou seja, mais um fracasso, mais sentimentos de angústia, medo e ansiedade. Ellen considerava sua existência e seu corpo completamente interlaçados, estabelecendo as associações: magreza com inteligência e beleza, e gordura com envelhecimento e feiura.

Sua angústia era a de ser-no-mundo, pois para ela tudo se tornara ameaçador e só existia uma salvação: a libertação pela morte. Costumava dizer que “se não posso conservar-me jovem e magra, então melhor nada” (Moreira et al., 2005, p.393). Como a autoanálise, o trabalho e a equitação não a auxiliavam mais, sua única fonte de prazer era a comida. Então, estava sempre entre o impulso de comer e o medo extremo de engordar, o que representa o choque entre *Eingenwelt* e *Mitwelt*. Para ela, a maneira de se acalmar era comer, mas a cada garfada sua infelicidade duplicava, e ela, que sempre se achou independente de todos, se via como dependente total da visão dos outros a respeito de sua aparência: “sua vida se transforma em um inferno sem saída”. (Moreira et al., 2005, p.394).

O caso de Ellen West mostra a importância da harmonia no entrelaçamento do *Eigenwelt*, *Umwelt* e *Mitwelt*. Ela foi escrava do seu *Mitwelt*, sempre atendendo ao que sua família supostamente esperaria dela. Nesse sentido, a morte é compreendida como a única saída encontrada para lidar com o conflito principal.

Segundo a análise de Loparic (2002), ao estudar esse movimento senoidal existencial-ontológico de descida aprisionadora e de subida final libertadora, Binswanger não confere nenhum significado etiológico às cenas da infância de Ellen – por exemplo, ao fato de ela ter-se recusado a mamar aos 9 meses de idade. Poucas cenas são lembradas e o são tão-somente para ilustrar o fato de que a *teimosia* enclausuradora e o sentimento de vazio já se manifestavam desde o início de sua vida (Loparic, 2002).

Segundo Binswanger, a prática clínica também se constituía no distanciamento necessário a uma apreensão objetivante (fisiológica) e permanecia na esfera do vivido corporal. Ou seja, como o sujeito sentia e vivenciava seu corpo, rompendo com a dualidade interno/externo, refletindo também a experiência espacial e temporal dos estados de ânimo (tempo e espaço vividos) (Moreira et. al., 2005). Influenciado por Heidegger, a subjetividade para Binswanger se constitui a partir do ser *com* e *pelo* outro, “ser-homem-enquanto-ser-no-mundo”.

Entretanto, Moreira (2010) e Loparic (2002) mencionam o fato de que Heidegger discordou de Binswanger quanto à maneira como este desenvolveu uma *Daseinsanalyse* psiquiátrica, supostamente baseada no conceito de Dasein apresentado em *Ser e Tempo*, permanecendo somente no plano do óntico (do ente, do objeto), aniquilando o que para Heidegger era fundamental, o ontológico (do “ser”, enquanto verbo), incluindo neste último as características existenciais: temporalidade, espacialidade, o ser-com-o-outro, a compreensão, o cuidado, a queda e o ser-para-a morte.

Moreira (2010, p.729) cita ainda uma declaração de Heidegger, de 1968, na qual enfatiza que há diferença entre o termo analítica do Dasein e a análise do Dasein, sendo que na primeira não há a desintegração do fenômeno, enquanto a segunda se refere à decomposição em elementos, ou seja, perde-se a unidade sujeito-objeto:

No fim desta primeira aula precisamos voltar à pergunta da diferença entre analítica do Dasein e análise do Dasein. Isto sem levar em consideração a “*Daseinsanalyse* Psiquiátrica” de Ludwig Binswanger. A

fenomenologia de Husserl, que ainda o influencia, a qual permanece fenomenologia da consciência, impede a visão clara da hermenêutica fenomenológica do Dasein.

Moreira (2010) observa que no conjunto da obra de Binswanger a teorização de sua clínica fenomenológica não consegue se desprender do conceito de consciência, tal como ele pretendia, influenciado pela leitura de *Ser e Tempo* de Heidegger. Ainda que tenha feito uso do termo *Dasein* e cite Heidegger em vários de seus livros, Binswanger reconheceu que seu pensamento permanece mais próximo de Husserl do que de Heidegger. Entretanto, foi sob a denominação “Análise existencial” que seu trabalho passou a ser divulgado mais recentemente, com a sua concordância, pois havia rejeitado por muito tempo a designação “existencial” porque discordava do existencialismo de Jean-Paul Sartre que, em seu livro *O Ser e o Nada*, criticava Heidegger por este tomar como seu ponto de partida o *Dasein*, e não a consciência (o para-si).

Jaspers (1883-1969) inaugurou a aplicação do método fenomenológico à clínica médica e introduziu à nova ciência da psicopatologia. A ênfase aos aspectos internos que determinaram em Ellen West uma existência inautêntica, não tornou menos importante as influências externas, sociais e culturais de uma época, e de uma dada configuração familiar. Assegurou que essas influências externas incidem sobre os membros dessas sociedades, dessas famílias, mas seus efeitos físicos e psicológicos variam de indivíduo para indivíduo e conforme o tempo. Segundo ele, uma mesma causa pode implicar em diferentes patologias, nas psicoses ou neuroses, em indivíduos diferentes. Sendo assim, o conteúdo das psicoses ou neuroses está intimamente relacionado ao que denominou: patrimônio espiritual de um dado grupo humano no qual emerge um doente. A importância do fenômeno das massas, verdadeiras epidemias psíquicas que acometem populações inteiras ao longo da história da humanidade, também foi mencionado por Jaspers. Exemplos não faltam, e esse autor cita alguns, como as situações vividas por freiras possuídas coletivamente em conventos nos séculos XVI e XVII, ou a instituição artificial dos estados orgíacos vividos por curandeiros, bruxos e bruxas, a orgia dos bárbaros, os ritos dionisíacos dos gregos e ainda o ocultismo, a parapsicologia e o espiritismo, para ele denominadas pseudociências. O contágio ocorreria pela difusão de atitudes psíquicas, de maneira inconsciente.

Para compreender a constituição psíquica de Ellen West é imperioso conhecer sua história familiar a partir dos relatos de Binswanger (1957). Nesses verifica-se que, exceto pelo irmão mais velho, considerado bem humorado e equilibrado, a linhagem paterna apresentou inúmeros casos de depressão, angústia, crises de melancolia, demência, irritabilidade, nervosismo excessivos, e suicídio. Podem-se considerar os distúrbios psíquicos de Ellen West sob o ponto de vista genético, entretanto não se descarta a contribuição externa, cultural, de uma dada sociedade, em um determinado momento histórico marcado por extrema severidade e autocracia. As mulheres, particularmente, eram tolhidas nas suas escolhas e exercício profissional, exercendo a função materna de forma conciliadora e afável, entrecortada por momentos de depressão, silêncio e nervosismo. Uma tia paterna adoeceu psicicamente no dia do seu casamento, provavelmente pelo mesmo motivo que levou Ellen à compulsão alimentar: escolhas forçadas e de conveniência, em detrimento das verdadeiras relações de afeto.

Ellen West, inserida nessa sociedade aristocrática alemã, uma mulher culta e influenciada por esse ambiente espiritual e cultural, pelos valores dominantes, desenvolve uma maneira de ser-no-mundo. Jaspers (2003) discute o problema da degeneração psíquica em relação ao mundo moderno, confronta a decadência da cultura ocidental com a decadência do homem, com um aumento consequente das estatísticas de doentes mentais, da criminalidade e dos suicídios. Segundo ele, o suicídio, em si, não é sinal de anormalidade psíquica, embora a maioria das pessoas que tentam o suicídio apresentem-se no mundo como ser adoecido que são objeto de estudo da psicopatologia, ou sofrem de doenças tangíveis. É uma manifestação às situações em que a vida torna-se vazia, insuportável, sem esperança. Evidencia ainda o quanto os componentes culturais e religiosos influenciam o

aumento de casos de suicídio ao longo da história, como ocorreu no período de 1849 a 1907, na Prússia, com os judeus, em comparação aos católicos e protestantes.

O autor acrescenta a possível degeneração influenciada pelo ambiente e pela cultura de famílias de educação superior, devido aos fatores como o amolecimento a esforços, indolência, vida irregular. Assinala que o estilo de vida, o desenvolvimento da cultura técnica, que a partir do século XIX acarretou uma aceleração do ritmo, agitação, ansiedade carregada de maior responsabilidade, falta de aprofundamento meditativo, exigências insuportáveis em relação ao trabalho, imediatismo, entre outros.

Para Ellen West o insuportável da vida, além das imposições sociais, estaria também na dificuldade de ser reconhecida por atributos até então considerados masculinos como o prestígio profissional. Vestia-se como rapaz até os dezesseis anos, dedicou-se à equitação, aos estudos e buscou o reconhecimento profissional como mulher. Para ela, o trabalho parecia ser o ópio para seu sofrimento, que, em grande parte, decorria dos velhos planos e aspirações que nunca se concretizavam e da impossibilidade de agir plenamente num mundo estritamente patriarcal. Ela perdeu sua potência de transformar o mundo e deixou de empreender sua energia para sentir-se plena. Impossibilitada de expressar-se concretamente, recusou-se a viver a inautenticidade. Privada da capacidade de projetar-se no futuro, no devir, o conflito com as normas e padrões do seu tempo deram origem ao distúrbio alimentar e às sucessivas tentativas de suicídio.

Jaspers (2003) identifica sensações de sentimentos, tais como sensações corpóreas, como sentimentos que atuam como momentos de impulso (compulsão alimentar) e conclui que sensação, sentimento, afeto e impulso constituem um todo. As alterações dos sentimentos corpóreos alteram os sentimentos, como é frequente nas psicoses e psicopatias. Podem ocorrer os sentimentos de falta de sentimento, a sensação de vazio, de total desinteresse, de falta de alegria de viver. O confronto ocorre entre a ação instintiva, que ejeta os instintos e os põem em movimento e a ação do arbítrio que aciona a vontade e possibilita a decisão. Resulta que consciência de inibição da vontade, a consciência de impotência da vontade e o sentimento de falta de força, levam à perda no controle do próprio processo de pensar e representar. As alterações da consciência da existência ou da execução levam ao desmoronamento do eu, uma vivência da destruição do mundo.

Tamelini (2013) analisa que Jaspers valoriza o fator temporal na análise dos fenômenos da consciência, e diverge no quesito particular em relação ao universal, dando maior ênfase ao primeiro, ao contrário da Psicopatologia Fenomenológica. Esta, ao justificar a importância das categorias semiológicas, dialoga com o universal. (Jaspers, 2003), apesar de utilizar uma clara ordem descritiva, diverge da Psicopatologia Fenomenológica proposta por Binswanger e Minkowski e outros. A autora acrescenta ainda que a desarticulação das instâncias temporais deixa a consciência num presente inautêntico. O tempo vivido, o *Lebenswelt*, seja para o indivíduo doente ou sadio, não é o tempo mensurável, mas é o tempo imanente ao sujeito, o tempo dele, ou seja, no homem normal o primado do futuro faz do vivido temporal um vivido de poder – poder de transformar o mundo pela ação, e a si mesmo pelo alargamento da pessoa. Ellen West esforçou-se para transformar o mundo por suas ações, mas suas possibilidades existenciais se tornaram restritas. Além disso, pondera-se o esforço contínuo de Ellen West de viver de forma autêntica, o que gerava seu desajustamento às normas vigentes, familiares e sociais, forçando-a a forma inautêntica e a conflitos constantes (Tamelini, 2013).

Albert Camus (2012) utiliza-se do mito de Sísifo, o herói do absurdo, para analisar a condição humana. Seu desprezo pelos deuses, sua paixão pela vida e o ódio pela morte valeram-lhe o suplício de empenhar-se em uma tarefa sem sentido, sem fim. Analisar o caso Ellen West sob essa perspectiva é reconhecer o absurdo que nasce do trágico confronto e das contradições que há entre o homem e o mundo real, concreto. Esse absurdo, entretanto, é inerente a ambos. O homem moderno aspira à razão e a felicidade, e o mundo devolve-lhe o irracional, o silêncio e imposições. O absurdo está em preservar o que oprime, trata-se

de uma luta sem trégua entre dois polos, dialética, que acompanha a vida do início ao fim e para a qual há duas saídas possíveis: a esperança ou o suicídio, porque um homem sem esperança, e consciente disso, não pertence mais ao futuro.

Camus revela o universo paradoxal no qual o humano está imerso, ora esplêndido, ora miserável, entre as atitudes lascivas de uma vida maquinal, mas ao mesmo tempo um movimento da consciência. A vida, as ações e a obra humana são absurdas, nada mais do que a constatação lúcida e consciente dos limites. As verdades esmagadoras desaparecem quando reconhecidas. O homem absurdo reconhece a luta entre as partes, admite o irracional, vive uma liberdade também absurda, de revoltar-se, de questionar o mundo a cada segundo, de exigir uma transparência impossível. Essa liberdade que dá valor à vida e restaura a sua grandeza, que desafia o homem diante de si mesmo, liberdade que também é consciente de um destino esmagador, mortal, mas sem resignação. Mas, quando o desespero é imenso e insuportável e a aceitação se dá no seu grau mais elevado, o suicídio surge para dar um fim ao absurdo da vida.

As incessantes investidas de Ellen West contra a própria vida, ora se recusando a se alimentar, ora o fazendo em demasia, representaram uma tentativa de destruir seu corpo, como elo com o absurdo da vida, o que pouco a pouco foi dilacerando sua alma. À renúncia, a qual ela se referiu quanto à forte resistência em se alimentar quando bebê, se somam os inúmeros atos de rebeldia, inspirados pelas obras de Niels Lyhne, uma luta constante para conviver com a vida absurda, sem sentido, da qual nem sempre tinha consciência. Buscou como saída para o absurdo o caminho da esperança na autoanálise, escrevendo poesias, o prazer no trabalho envolvendo questões sociais, na equitação, no casamento. Viveu a inexorável imposição familiar, a opressão, mas tinha dificuldade em reconhecê-las como parte da vida e sua contínua oscilação entre extremos, paradoxal, irracional e absurda, como assegura Camus. Mas, o terror, o sofrimento extremo, o sentimento de vazio empurrava sua vida para a beira do precipício, para a compulsão alimentar e aos repetidos vômitos provocados, ao uso de laxantes, às tentativas de suicídio e finalmente à sua concretização, saída última para livrar-se da vida absurda.

Considerações Finais

Entende-se por clínica fenomenológica o atendimento psicoterápico conhecido como fenomenológico-existencial, com ramificações para uma grande variedade de teorias. A fim de estudar a relação entre experiência e consciência, tem-se a conjunção de uma filosofia e de um método, entendidos como fluxo de vivências préreflexivas. Recebeu influência do método de Husserl nos tratamentos psicológicos para estudar a experiência consciente. Foi modificado por Martin Heidegger (1889-1976) e utilizado para a analítica da existência e articularam-se as visões tanto de Binswanger quanto de Karl Jaspers. Percorreram-se nesse ensaio, as compreensões de cada autor. Nesse sentido, para que se compreenda o suicídio, segundo a perspectiva da *Daseinsanalyse* psiquiátrica, deve-se, de início, investigar a história de vida do paciente, e, diferentemente de qualquer outro método terapêutico, não buscando a explicação da história de vida e suas idiossincrasias patológicas, mas sob o ponto de vista das modificações da estrutura total do *Dasein*. Considera-se também importante na clínica, observar como o paciente vivencia o *Umwelt* (mundo das coisas circundantes), o *Mitwelt* (mundo humano e social, suas relações com os outros indivíduos, com a família, com a comunidade) e o *Eigenwelt* (mundo próprio e pessoal, o “eu”, incluindo o corpo). Além disso, deve-se ter a preocupação em compreender como o sujeito vivencia o tempo e o espaço, enquanto continuação histórica e enquanto finitude.

No caso Ellen West, sua existência fixou-se no tempo, cristalizou-se, impedindo-a de conquistar maneiras mais fluidas para lidar com seu sofrimento. A estática se fez presente e suas possibilidades existenciais se tornaram restritas. Ellen West se transformou em “coisa” e sua existência tornou-se cada vez mais insuportável. Tornou-se coisa para ser algo representável, representante da morte e da configuração de um ser que se tornou em vida

um morto. Morta viva que se apresenta em forma de tédio e restrição de suas possibilidades. O suicídio foi visto como uma mensagem existencial de que se salvaria em sua existência e em seu existir. O suicídio a salvaria de seu aprisionamento existencial.

Referências

- Abbagnano, N. (1993). Heidegger: ser, ser-aí, existência. In: *História da Filosofia*, Lisboa, Ed. Presença.
- Camus, A. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- Cavaliari, E. (2009). O suicídio na abordagem fenomenológica. In: Campo, I.F. *Vidas interrompidas: I e II fórum estadual sobre prevenção do suicídio*. Vitória, DIO.
- Gomes, W.B.; Castro, T.G.de. Clínica Fenomenológica: do método de pesquisa para a prática Psicoterapêutica. *Psicologia: Teorias e Pesquisa*, v.26, n. especial, 2010. p.81-93.
- Heidegger, M. (2011). *Ser e Tempo*. (M. S. C. Schuback, Trans. 5 ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jaspers, K. (2003). *Psicopatologia Geral* (S. P. Reis, Trans.). São Paulo: Editora Atheneu.
- Loparic, Z. (2002). Binswanger leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? *Natureza Humana*, 4(2), 383-413.
- Macedo, C.R. (2010). O problema da transcendência em Husserl e Heidegger. *Revista Estudos Filosóficos*, 5.
- Moreira, V. (2010). Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 15(4), 723-731.
- Moreira, V.; Cruz, A.V.H.; Vasconcelos, L.B. (2005). O caso Ellen West de Binswanger: fenomenologia clínica de uma existência inautêntica. v. 5, n. 2, set. . . *Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza*, 5(2), 382-396.
- Tamellini, M.G. (2013). O processo psíquico sob a ótica fenomenológica. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2(1), 91-102.